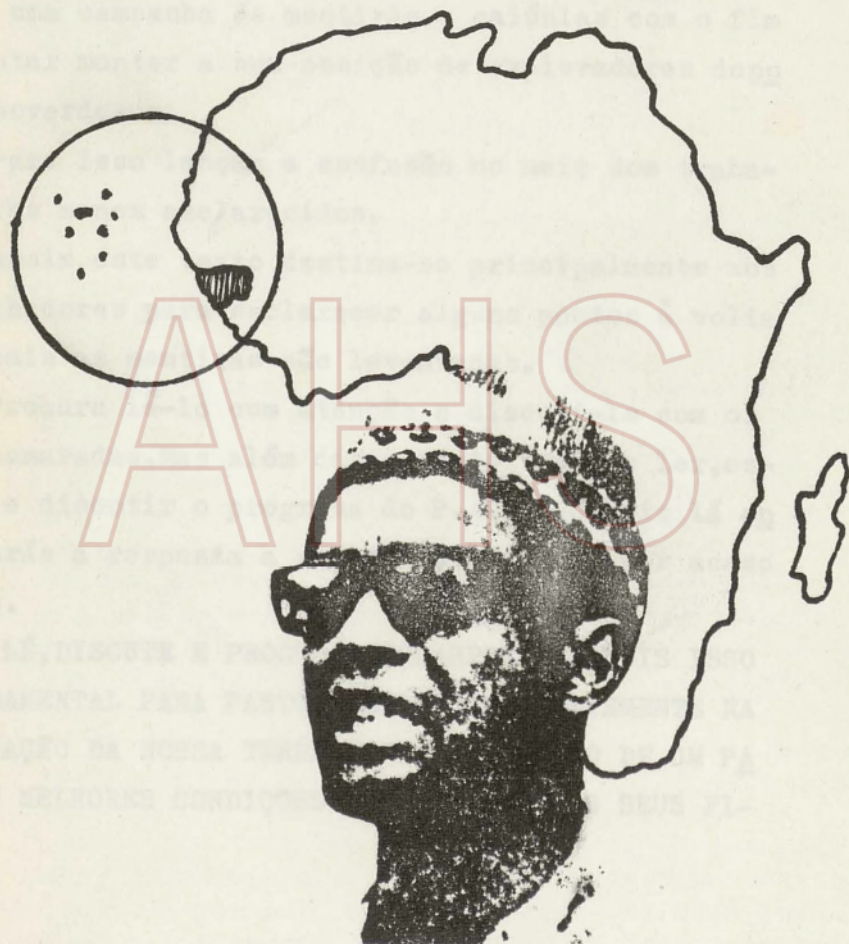


CABO-VERDE

INDEPENDÊNCIA

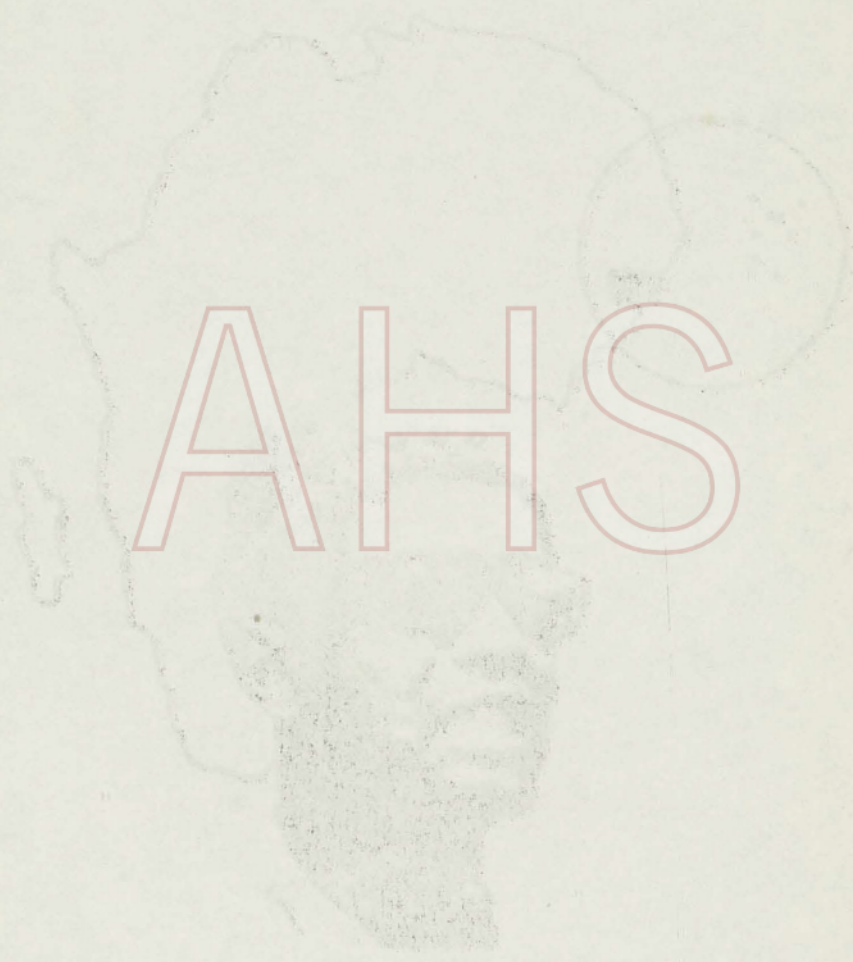
UNIDADE GUINÉ-CABO VERDE



apoio ao P.A.I.G.C.

GADCG

THE
MUSEUM
OF THE
FIELD COLUMBIAN MUSEUM



AHS

THE
MUSEUM

A RAZÃO DESTA TEXTO:

Alguns indivíduos tentam traír a nossa luta lan-
çando uma campanha de mentiras e calúnias com o fim
de tentar manter a sua posição de exploradores dopo-
vo caboverdeano.

Para isso lançam a confusão no meio dos traba-
lhadores menos esclarecidos.

Assim este texto destina-se principalmente aos
trabalhadores para esclarecer alguns pontos à volta
dos quais as mentiras são levantadas.

Procura lê-lo com atenção e discuti-lo com os
teus camaradas. Mas além deste texto tens de ler, es-
tudar e discutir o programa do P.A.I.G.C. pois lá en-
contrarás a resposta a outras dúvidas que por acaso
tenhas.

**LÊ, DISCUTE E PROCURA ESCLARECER-TE POIS ISSO
É FUNDAMENTAL PARA PARTICIPARES CONSCIENTEMENTE NA
LIBERTAÇÃO DA NOSSA TERRA E NA CONSTRUÇÃO DE UM PA-
ÍS COM MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA PARA OS SEUS FI-
LHOS.**

ÍNDICE

I-SOBRE A INDEPENDÊNCIA

II-SOBRE A UNIDADE GUINÉ-CABO VERDE

III-SOBRE AS POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DE CABO VERDE

IV-PROGRAMA DO P.A.I.G.C.

SOBRE A INDEPENDÊNCIA

Surgem neste momento traidores caboverdeanos que tentam lançar a confusão entre nós sobre o que é a independência. O que é para nós a independência?

A independência é destruir na nossa terra a dominação colonial dos portugueses. Mas é só isso? Não. Ao mesmo tempo não queremos qualquer outro tipo de dominação colonial na nossa terra, nem qualquer tipo de dominação estrangeira. Queremos que o nosso povo mande no seu destino através dos seus filhos em Cabo Verde e na Guiné. Isto é o que queremos em primeiro lugar.

Mas na base da linha do P.A.I.G.C., queremos destruir toda a possibilidade de aqueles que hoje dizem querer libertar a nossa terra, ou outros, venham a abusar do nosso povo amanhã. O nosso objectivo não é ir tomar conta do palácio do governador para fazer na nossa terra o que aquele governador queria fazer. Nem tomar conta da casa do administrador. O nosso objectivo é rebentar com o estado colonial na nossa terra em Cabo Verde e na Guiné.

Queremos portanto, destruir tudo quanto seja obstáculo ao progresso do nosso povo, todas as relações que há na nossa sociedade em Cabo Verde e na Guiné que sejam contra o progresso do nosso povo e contra a sua liberdade. Ao fim e ao cabo queremos o seguinte: possibilidades iguais qualquer filho do nosso povo, homem ou mulher, avançar como ser humano, dar tudo da sua capacidade, desenvolver o seu físico e o seu espírito para ser um homem ou uma mulher à altura da sua capacidade de facto. O nosso povo terá a possibilidade de escolher entre os seus filhos os que achar mais competentes para o conduzir na via do progresso.

Tudo quanto seja contra isso teremos de destruir na nossa terra, passo a passo, uma a uma se for preciso, mas temos de destruir para construir uma vida nova. Este é o objectivo principal da nossa luta pela independência. Todos os abusos, todos os privilégios de grupos ou de grupinhos não podemos aceitar na nossa terra amanhã. O nosso povo, com a independência, não se vai libertar só dos colonialistas portugueses, mas de

tudo o que prejudica o caminho para o progresso. Vamo-nos libertar da ignorância porque se a maioria do nosso povo soubesse ler e escrever em condições não estaria hoje na posição de explorado como está.

Vamo-nos libertar do medo. Do medo de passar fome, do medo de não ter trabalho, do medo das doenças, do medo de ser deportado para S. Tomé, do medo de ser preso injustamente. Um povo que tem medo é um povo escravo. Não queremos na nossa terra amanhã que os filhos tenham medo dos pais pois eles devem ter respeito e não medo. Não queremos que se amarrem as crianças para se bater nelas. Não queremos amanhã na nossa terra que se amarre ninguém ^{para} lhe bater. Os que são bandidos e não prestarem serão julgados e condenados se o merecerem, mas julgados por nós. Não queremos mais na nossa terra que tratem pessoas como cães. É nosso trabalho destruir na nossa luta tudo quanto faça da nossa gente explorados, para na nossa Pátria independente deixarmos avançar, crescer, levantar como as flores da nossa terra, tudo quanto possa fazer do nosso povo seres humanos de valor.

Mas para conseguir a independência que desejamos é importante unir-mo-nos. Mas unir sem oportunismos e negar firmemente o oportunismo. Essa unidade tem que ser contra todos os traidores, contra todos os oportunistas, contra todos os ladrões, mentirosos e exploradores do nosso povo. Não devemos esquecer o exemplo, entre outros, do militante número 1 do P.A.I.G.C. Amílcar Cabral que se preferisse obedecer aos colonialistas portugueses teria tido uma vida material boa e sem problemas. Mas não. Cabral viu que o seu povo, sofria em Cabo Verde e na Guiné. Cabral preferiu a vida de sacrifício que o levou a ser assassinado, lutando para que o seu povo alcançasse a independência para construir uma Pátria africana livre em que o povo tenha nas suas mãos o seu próprio destino.

HONREMOS A MEMÓRIA DE AMÍLCAR CABRAL.

Mas houve outros que seguiram outro caminho. Preferiram ser amigos dos colonialistas portugueses e exploradores do nosso povo. As suas ambições, as suas

vaidades, os seus vícios não permitem aguentar as dificuldades que o colonialismo fascista português sempre criou à nossa luta de libertação. Agora aparecem oportunisticamente a querer dividir o povo. Devemos estar vigilantes. Esses traidores do povo caboverdeano são piores do que os seus patrões portugueses. São piores porque são cães de guarda e todos nós sabemos como são ferozes os cães de guarda a defenderem as propriedades dos donos. Agora vêm pedir aos caboverdeanos para dizerem que são portugueses. Mas os caboverdeanos têm consciência de que são caboverdeanos e não portugueses. Muitas vezes vamos a uma empresa à procura de emprego e dizem-nos logo que não admitem trabalhadores caboverdeanos. Quando algum de nós é provocado na feira popular e defende-se dizem que os caboverdeanos gostam de provocar distúrbios. Quando passam em alguns bairros de lata dizem que aí moram caboverdeanos. Na Estrela aos domingos reúnem-se os caboverdeanos dizem. Quem confunde um português com um caboverdeano? Desconfiemos dos traidores caboverdeanos que se dizem portugueses. A maior parte das vezes são pagos para isso e quem lhes paga tem muito dinheiro, dinheiro esse obtido à custa da exploração do nosso povo. Eles hoje precisam de quem os apoie. Mas amanhã, quando já não precisarem, essas pessoas serão lançadas na miséria. O povo caboverdeano tem experiência disso.

Devemos unir-mo-nos para dizer aos cães de guarda do colonialismo português que somos caboverdeanos. Que queremos independência para construirmos uma Pátria africana livre e feliz em que nenhum homem explore outro homem.

É também importante sabermos que não estamos sós na luta. Até alguns portugueses, que já compreenderam que a exploração do nosso povo só vai lucrar meia dúzia de pessoas e que os exploradores tanto exploram o povo caboverdeano como o próprio povo português, estão conosco na nossa luta. A nossa Pátria independente e livre vai manter boas relações com o povo português, relações essas que terão de ser baseadas no respeito mútuo e cimentada pela luta dos nossos dois povos pe-

lo fim da exploração. Esta é a independência pela qual luta o P.A.I.G.C.. Quem tem medo desta independência? Só os que até agora têm vivido à custa da exploração do povo caboverdeano, porque estão a ver que se aproxima o fim dessa vida de não fazer nada.

Os que lutam pela independência com o P.A.I.G.C. já muito sacrificaram. Alguns ficaram pelo caminho sob as balas do colonialismo português. Mas as dificuldades ultrapassadas são a garantia de que conseguiremos a vitória e após a independência o povo caboverdeano e o povo guineense juntos, saberão impor a linha que nos conduzirá à construção dum grande país, forte como uma rocha, onde haverá lugar para todos os que, honestamente quiserem contribuir para a sua construção.

Imaginemos, por exemplo, uma família que tem dois balaios de milho. Ela sabe que se tirar um balaio para se mear, esse balaio pode vir a fazer-lhe falta para comer. Mas por outro lado, semeando esse balaio de milho pode vir a colher 10 ou mesmo 20 e então não passará fome a manhã. Qual será preferível: utilizar os dois balaios para comer ou semear um deles? O P.A.I.G.C. preferiu se mear um dos balaios. Preferiu passar por dificuldades na luta para construir um futuro melhor para o nosso povo. Agora cabe-nos a nós trabalhar bem a terra para que essas sementes nasçam e cresçam para as colhermos. Depois lançaremos novas sementes e colheremos novamente. O futuro está nas mãos de todos nós, caboverdeanos e guineenses, dispostos a trabalhar para atingir um fim — melhorar as condições de vida do nosso povo. O P.A.I.G.C. é o nosso guia e lanterna que nos alumia o caminho para a vitória. Nós vamos continuar o que Cabral começou.

O nosso povo, que sempre teve a coragem de resistir à dominação colonial quer revoltando-se quer emigrando para terras desconhecidas para enfrentar outras dificuldades, também tem a coragem de, na sua própria terra, lutar pelo seu desenvolvimento. Lutaremos contra a exploração. Lutaremos contra a natureza quando ela for contrária. Mas conseguiremos construir hospitais, fábricas, barcos de pesca, escolas e tudo quanto for necessário para construirmos uma Pátria digna para os nossos filhos.

É ESSA A INDEPENDÊNCIA PELA QUAL LUTA O P.A.I.G.C.

SOBRE A UNIDADE GUINÉ-CABO VERDE

Todos sabem que um dos pontos por que luta o P.A.I.G.C. (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde) é pela unidade Guiné - Cabo Verde.

Com certeza, muitos perguntarão, mas porquê esta unidade? Porque não cada um com a sua independência com relações de amizade entre os dois países? Será que Cabo Verde não tem condições para ser independente sózinho?

É claro que Cabo Verde tem essas condições, desde que livre do colonialismo português tenha um governo de facto popular, que aproveite em favor das massas trabalhadoras os recursos que os portugueses deixaram abandonados. Mas assim não seria um país suficientemente forte. Então surge a unidade. Mas porquê que a unidade com a Guiné nos vai tornar mais fortes?

Como se sabe, não há nenhum país do mundo que tenha todas as coisas que precisa—alimentos, máquinas, metais, petróleo, etc. Por isso, qualquer país tem de mandar vir de fora o que não tem, aproveitar e desenvolver ao máximo os seus próprios recursos para vender o que produz e assim ter dinheiro para comprar o que não tem. Assim, quanto mais recursos tiver um país, mais rico será e melhor nível de vida terá a sua população. Mas isso, só se o seu governo defender os interesses do povo e não os de certos senhores. Mas além disso também sabemos que há no mundo países que enriquecem à custa de outros países. Mas como? Explorando os recursos desses países, comprando barato os produtos em bruto (ferro, petróleo, mancarra, etc.) e vendendo caro os produtos já transformados. Por exemplo, compram ferro e vendem máquinas, compram petróleo e vendem gasolina, compram mancarra e vendem óleo de mancarra. Foi o que aconteceu com as colónias, entre as quais Cabo Verde, em relação a Portugal. Mas há países muito mais poderosos que Portugal e que até exploram o próprio povo português. É por isso que devemos tomar cuidado com esses países que se juntam entre eles para explorarem os mais fracos. Eles têm força militar e muito dinheiro, obtido à custa da exploração, e até compram patricios nossos que não se importam e se tornam traidores explorando os seus próprios irmãos. Ora esses países têm muito interesse em Cabo Ver

de. E porquê? Porque Cabo Verde é um ponto de abastecimento tanto para barcos (Porto Grande em S.Vicente) como para aviões (aeroporto do Sal). Por isso esses países procuram tomar conta de Cabo Verde para lá meterem bases militares e a partir dessas bases atacam os povos africanos que não quiserem aceitar o seu domínio. Querem fazer de Cabo Verde uma arma dirigida contra a África, mas o povo caboverdeano saberá opor-se a isso e nunca trairá os seus irmãos africanos. A resistência contra esse inimigo é um dos motivos mais fortes da unidade Guiné-Cabo Verde. Os dois, unidos, formarão uma nação mais forte, mais rica, estarão mais seguros e assim os seus povos serão mais felizes. Assim haverá menos possibilidade de Cabo Verde, depois de se livrar do colonialismo português, vir a ser dominado e explorado por essa gente. Esta é assim uma das razões mais fortes para que Cabo Verde se una à Guiné pois a unidade interessa a Cabo Verde, à Guiné, a toda a África e a todos os países do mundo amantes da paz e do progresso.

Mas porquê a unidade com a Guiné e não com Angola ou Moçambique muito mais ricos? Os amigos não se escolhem pelo dinheiro. Há laços muito mais fortes a unir Guiné e Cabo Verde dos que existem com Angola ou Moçambique. Senão, vejamos por exemplo, qual a origem do povo caboverdeano.

Os caboverdeanos descendem de escravos trazidos da costa de África e da região que hoje constitui a Guiné-Bissau. Estes foram os nossos antepassados-nósdjentes grande. Toda a nossa História, aquela que nos foi sempre escondida, é a História de um povo em luta contra a escravatura e a opressão. Não raras vezes o povo escravo se revoltou sendo obrigado a procurar refúgio no interior das ilhas onde não chegavam os colonialistas portugueses. Cabo Verde foi antigamente um lugar de compra e venda de escravos. Dali partiam os nossos irmãos escravizados, para o Brasil e para outras partes do mundo. Portanto nós e os guineenses temos uma ascendência comum. Somos ramos do mesmo tronco. A raiz que nos liga à terra e nos alimenta é a mesma.

Não é por acaso que, por exemplo, o crioulo de Sotavento, onde a mistura com o elemento branco foi menor, é muito semelhante ao crioulo que se fala em muitas zonas da Guiné. Daí a facilidade de entendimento entre os dois povos. A língua traduz toda uma forma de viver e de se manifestar de um povo e por detrás dela existe toda uma herança do passado. Além disso, todas as manifestações de alegria ou de dor, verdadeiramente populares - batiques, cerimónias de casamento ou de morte - são manifestações de uma tradição que os nossos antepassados trouxeram da Guiné e que o nosso povo, apesar das proibições impostas pelas autoridades coloniais, soube sempre conservar e desenvolver. É por isso que na nossa luta devemos proteger cuidadosamente tudo o que de bom nos deixaram os nossos antepassados à custa de muitos sacrifícios.

Com isto não queremos dizer que não haja certos aspectos diferentes entre os nossos dois povos. Mas isso é pouco importante. Até mesmo em Cabo Verde encontramos certas diferenças de ilha para ilha. Temos por exemplo os diversos crioulos falados nas várias ilhas que não nos impede de sermos todos caboverdeanos.

Os laços culturais e interesses comuns entre guineenses e caboverdeanos fizeram surgir o P.A.I.G.C. tendo como linha a unidade na luta pela libertação das nossas terras. Unidos, caboverdeanos e guineenses, pegaram em armas, lutaram e continuam dispostos a lutar pela libertação das nossas terras. Não nos podemos esquecer desses que nos deram o exemplo de como um povo luta pela sua libertação. Juntos morreram por nós sem nunca por em causa a unidade. Só tinham um fim em vista - a libertação e independência total do nosso país. Mas então em quem acreditar? Nesses homens que já há muito vêm provando o que valem ou naqueles que nunca fizeram nada pela nossa gente e antes pelo contrário colaboraram intensamente na exploração do nosso povo? O povo caboverdeano não terá dificuldades na escolha. A independência e a unidade com a Guiné é a melhor solução.

Em relação a Angola e a Moçambique já não acontece o mesmo. Além de estarmos mais distantes (a Guiné e Ca

bo Verde ficam praticamente lado a lado) não temos e-
les laços tão profundos, tanto históricos como culturais
que nos una de imediato tal como acontece com a Guiné.
Mas, apesar disso, devemos encarar como tarefa para o fu-
turo a unidade com Angola e Moçambique e mais ainda a
unidade de toda a África.

Podemos ainda perguntar, mas porque não a união com
Portugal? Em primeiro lugar, temos que somos dois povos
físicamente e culturalmente diferentes; em segundo lu-
gar a presença colonial portuguesa em Cabo Verde foi pa-
ra nós uma terrível experiência- miséria e fome. A His-
tória do colonialismo português é a História da nossa
exploração. Os heróis dos colonialistas foram os car-
rascos do nosso povo. Mas apesar disso tudo, é preciso
salientar que como país independente teremos relações
de amizade com o povo português mas em pé de igualdade
e não como até agora tem sido.

Algumas pessoas, em geral os grandes senhores da
nossa terra, têm tentado lançar a confusão no meio dos
trabalhadores, dizendo que a unidade é para a Guiné ir
dominar Cabo Verde. Também na Guiné tentaram o mesmo
dizendo que os guineenses iam ser dominados pelos ca-
boverdeanos. Na Guiné já foram completamente desmasca-
rados pelo povo guineense. Também não tardarão a ser
desmascarados pelo povo caboverdeano. A Guiné nunca i-
rá dominar Cabo Verde nem o contrário. Esses senhores
só procuram lançar a confusão e a divisão entre os pró-
prios caboverdeanos e entre nós e os guineenses. Mas
quem são esses mentirosos? São os exploradores do nos-
so povo, os que nunca passaram fome e que juntamente com
os colonialistas portugueses andaram todos estes anos
a "chupar" o sangue dos trabalhadores.

E o que é que eles querem? É claro como água. Que-
rem continuar a dar umas migalhas para o povo guardan-
do para eles a maior parte. Mas não nos deixaremos en-
ganar. É tempo de abrirmos os olhos. Se o P.A.I.G.C. lu-
ta pela libertação dos nossos povos, como é que os vai
libertar e ao mesmo tempo fazer cair debaixo de outro
domínio?

É importante saber que o P.A.I.G.C. não pretende de

forma alguma impôr ao povo uma decisão. O P.A.I.G.C. diz que depois da independência de Cabo Verde, tal como fez o povo da Guiné já há algum tempo, o povo caboverdeano elegerá a sua Assembleia Popular. Essa Assembleia Popular decidirá então, tal como já fez a Assembleia Popular da Guiné, sobre a união dos dois povos e sob a forma dessa união. O povo da Guiné através da sua Assembleia Popular já se pronunciou a favor da união. O povo de Cabo Verde, após a independência, também irá pronunciar-se através da Assembleia Popular e leita pelo povo. Só quem é cego ou não lhe convém ver é que não vê isto no programa do P.A.I.G.C.. O povo de Cabo Verde não cairá mais nos enganos dos colonialistas ou dos seus lacaios. Isso já está mais do que demonstrado em Cabo Verde, em Portugal e em outros lugares do mundo onde existem emigrantes caboverdeanos. As manifestações de apoio ao P.A.I.G.C. mostram a firme determinação do povo caboverdeano na sua luta pela independência imediata, pela unidade Guiné-Cabo Verde e pelo P.A.I.G.C.

AHS

POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DE CABO VERDE

O povo de Cabo Verde sempre viveu na miséria, sob ameaça da fome, da emigração forçada e da morte. Durante 500 anos de presença colonial portuguesa sempre ouvimos falar da pobreza de Cabo Verde, das "crises agrícolas" e da falta de chuva. Os casos de morte pela fome são inumeráveis e não se podem esconder - só em 1958 houve mais de 10.000 mortes. Os colonialistas sempre apontaram como causa desta situação dramática a falta de chuva e a pobreza das ilhas, mas o povo de Cabo Verde nunca se deixou convencer por essas conversas enganadoras e resistiu durante longos anos à opressão. Houve revoltas em Santo Antão, S. Vicente, Santiago e noutras ilhas e o povo só não conseguiu trunfar porque não estava devidamente organizado.

Mas a história de Cabo Verde mostra-nos que o culpado dos males e sofrimentos do nosso povo foi sempre o sistema colonialista de opressão e exploração. Foi o abandono a que votaram Cabo Verde os governantes portugueses.

Muitas das nossas riquezas não foram devidamente aproveitadas e outras nem sequer foram exploradas. Muitas culturas foram destruídas no interesse dos colonialistas portugueses, dos seus patrões e de meia dúzia de caboverdeanos privilegiados. Sabemos que no passado se cultivavam a cana de açúcar, tabaco, vinha, algodão, purgueira e fabricavam-se panos que eram exportados até para Portugal. Mas o que é que aconteceu? A cana de açúcar porque fazia concorrência ao açúcar da Madeira e das companhias portuguesas de Moçambique foi destruída aos poucos. A produção de vinho foi proibida para não fazer concorrência ao vinho do Brasil. Mas então o que é que exploravam em Cabo Verde? Exploravam o homem como escravo para as roças de S. Tomé. Exploraram o homem nas obras e minas de Portugal. Para eles é só isso que a nossa terra dá. Não dá pão para os seus filhos mas dá escravos para os outros.

Tudo isto mostra-nos que o colonialismo português e o seu sistema de dominação brutal nunca se interessaram pelo bem estar do nosso povo mas interessaram-se sim pela defesa dos seus interesses e os dos seus lacaios. Mas nada é eterno. A partir de 1956 e principalmente depois de 1960, quando os nossos irmãos das outras colónias pegaram em armas para varrerem das suas terras os exploradores, o

governo português numa tentativa de tapar os olhos ao nosso povo, começou a construir umas estradas, umas escolas, o cais acostável de S. Vicente o que acabou por servir para encher os bolsos de alguns senhores portugueses e alguns traidores caboverdeanos.

Foi por esta altura que, caboverdeanos e guineenses, indo ao encontro das verdadeiras aspirações dos nossos povos fundaram o P.A.I.G.C., organização que dirige e guia os dois povos na sua luta pela libertação da exploração e opressão colonialista. Porque os colonialistas não pretendiam sair pacificamente da nossa terra na Guiné, o povo pegou em armas e em Cabo Verde o povo luta por outros meios possíveis, manifestando-se contra a presença de estrangeiros. A resposta já sabemos qual foi. O Tarrafal, a tortura, a deportação de muitos e a morte de outros camaradas. Ao falarmos da luta não esqueçamos aquele que, filho do povo da Guiné e de Cabo Verde, barbaramente assassinado pelos colonialistas portugueses através de traidores do nosso povo, deve ser o exemplo que nos guia - AMÍLCAR CABRAL. São traidores como os que mataram Cabral, que hoje tentam meter medo ao povo dizendo que a independência só vai trazer miséria e fome. São estes que aparecem a caluniar o P.A.I.G.C. tentando dividir e confundir o povo. Mas encontrarão em cada um de nós um Cabral. Estamos dispostos a ir até onde for preciso para libertar a nossa terra e melhorar as condições de vida do nosso povo. O povo caboverdeano saberá dar a resposta certa. Mas para isso é importante sabermos o que queremos. Para compreender a nossa luta devemos ler, estudar e divulgar o programa do P.A.I.G.C.. Esse programa vai ser a melhor arma para combater os que tentam traír o nosso povo. Lá poderás ver que, com a Independência total, com a expulsão dos colonialistas e dos seus "catcháss", o povo será dono e senhor do seu destino e da sua terra participando na construção de uma vida melhor, mais justa e mais feliz.

É preciso sabermos, para denunciarmos as mentiras que nos querem impingir que, Cabo Verde tem todas as condições, desde que devidamente explorados os seus recursos, para poder dar aos seus filhos a vida digna que o colo-

nialismo português nunca nos quis dar. Todos sabemos que o nosso mar é rico em peixe que entre outras coisas pode servir para a instalação de uma indústria de conserva; sabemos que em Cabo Verde há possibilidades de fabrico de cimento aproveitando o calcário das nossas ilhas; sabemos que existe a pozolana que pode ser utilizada na construção civil; sabemos que se podem construir diques, cisternas, barragens que impeçam que a água se vá perder no mar; sabemos que grande parte do terreno cultivável não é cultivado. E também sabemos que nos nos países livres e independentes não haverá lugar para os grandes proprietários de plantações de bananas, exploradores do nosso povo trabalhador de Cabo Verde e que só pensam no seu bem estar pessoal. Essas terras irão servir os interesses do povo e poderão ser aproveitadas ou para o cultivo de bens de primeira necessidade - milho, feijão, mandioca, batata, hortaliça, etc., ou para o cultivo de tabaco, do nosso precioso café, frutas ou da própria banana mas nunca para ir encher os bolsos de meia dúzia de parasitas. Nós defendemos a UNIDADE GUINÉ-CABO VERDE e lutamos por ela. Em que medida a unidade pode favorecer o progresso e o desenvolvimento dos nossos países e uma vida melhor para os camponeses e demais trabalhadores guineenses e caboverdeanos? Basta ver o seguinte:

Cabo Verde tem o Porto Grande de S. Vicente em excelente posição mas deficientemente apetrechado; na Guiné há indícios seguros da existência de petróleo. Ora este petróleo transformado em outros produtos poderá servir para que em S. Vicente se faça o abastecimento em combustíveis de barcos que utilizem esta rota. Por exemplo a montagem de uma indústria de cimento a partir do calcário da Boavista e da pozolana de Santo Antão irá facilitar a construção de diques e barragens não só em Cabo Verde como também na Guiné e aí para o aproveitamento da energia resultante da água dos rios. Para além destes casos e de outros em que os recursos da Guiné e de Cabo Verde se completam, ainda temos que, na base da amizade, ajuda mútua e solidariedade, se podem estabelecer relações de troca favoráveis aos nossos dois povos:

temos o arroz amplamente cultivado na Guiné e que pode representar uma base importante na alimentação das populações e o sal tão abundante em Cabo Verde e escasso na Guiné. Muitos mais exemplos poderíamos apresentar.

Com o tempo, com a vontade firme do povo de progredir desenvolvendo a terra e os seus recursos, com a ajuda de países e povos amigos amigos da África e de outros povos do mundo abrem-se boas perspectivas para a instalação indústrias novas que poderão abarcar toda a mão de obra emigrada e explorada nas cidades europeias.

Com a abolição das grandes propriedades agrícolas e a atribuição de terra suficiente aos camponeses, acabará o pesadelo da luta pela sobrevivência. Mas não se pode ficar por aqui. Com pequenas parcelas de terra não é possível a utilização de tractores e outras máquinas agrícolas que trazem maior rendimento à agricultura. Assim para melhor aproveitamento das terras pequenas os proprietários têm de cooperar entre si para obterem melhores rendimentos com a utilização de máquinas.

Tudo isto se consegue com os sacrifícios da luta. Com os sacrifícios de hoje para o bem estar de amanhã. Não podemos esperar facilidades, mas temos de ter confiança no nosso povo e no único e legítimo representante do povo da Guiné e das ilhas de Cabo Verde - o P.A.I.G.C..

... e a sua importância para a economia da região. A produção de açúcar, algodão e café, além da pecuária, são as principais atividades econômicas. A infraestrutura de transportes é limitada, com poucas estradas e uma rede ferroviária precária. O setor de serviços é em desenvolvimento, especialmente no comércio exterior. A população é predominantemente rural, com uma taxa de alfabetização baixa. O clima é tropical, com estações chuvosa e seca bem definidas. A história recente é marcada por conflitos sociais e políticos, que afetaram o desenvolvimento econômico. A integração com o mercado internacional é essencial para o crescimento futuro. Os recursos naturais são abundantes, mas precisam ser explorados de forma sustentável. O setor agrícola enfrenta desafios como a falta de irrigação e o acesso a crédito. A educação é uma prioridade para melhorar a qualidade de vida e a produtividade. A saúde pública também precisa de investimentos para reduzir a mortalidade infantil e as doenças infecciosas. A governança é fraca, com corrupção e falta de transparência. A participação da comunidade é baixa, e as vozes locais não são ouvidas. A sustentabilidade é um desafio para equilibrar o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental e social. A cooperação internacional é necessária para superar os obstáculos e alcançar o progresso desejado. O futuro depende das decisões tomadas hoje em relação ao planejamento e à implementação de políticas públicas eficazes. A inovação e a tecnologia podem ser ferramentas valiosas para superar as limitações atuais. A transparência e a accountability são fundamentais para ganhar a confiança da população e dos investidores. O diálogo entre todos os setores da sociedade é essencial para encontrar soluções viáveis e duráveis. A resiliência é necessária para lidar com os impactos das mudanças climáticas e da globalização. A inclusão social é um objetivo fundamental para garantir que todos tenham acesso às oportunidades e aos benefícios do desenvolvimento. A paz e a estabilidade são condições necessárias para qualquer progresso significativo. A justiça social e o respeito aos direitos humanos são valores que devem guiar todas as ações governamentais e privadas. A cultura e a identidade local são fontes de orgulho e devem ser preservadas e valorizadas. A diversidade é uma vantagem que pode ser aproveitada para promover a inovação e a competitividade. A sustentabilidade não é apenas um conceito ambiental, mas também social e econômico. O bem-estar das futuras gerações depende das escolhas que fazemos hoje. A responsabilidade é compartilhada e todos têm um papel a desempenhar. O futuro é incerto, mas com planejamento e ação coletiva, podemos construir um futuro melhor e mais próspero para todos.

AHS

... e a sua importância para a economia da região. A produção de açúcar, algodão e café, além da pecuária, são as principais atividades econômicas. A infraestrutura de transportes é limitada, com poucas estradas e uma rede ferroviária precária. O setor de serviços é em desenvolvimento, especialmente no comércio exterior. A população é predominantemente rural, com uma taxa de alfabetização baixa. O clima é tropical, com estações chuvosa e seca bem definidas. A história recente é marcada por conflitos sociais e políticos, que afetaram o desenvolvimento econômico. A integração com o mercado internacional é essencial para o crescimento futuro. Os recursos naturais são abundantes, mas precisam ser explorados de forma sustentável. O setor agrícola enfrenta desafios como a falta de irrigação e o acesso a crédito. A educação é uma prioridade para melhorar a qualidade de vida e a produtividade. A saúde pública também precisa de investimentos para reduzir a mortalidade infantil e as doenças infecciosas. A governança é fraca, com corrupção e falta de transparência. A participação da comunidade é baixa, e as vozes locais não são ouvidas. A sustentabilidade é um desafio para equilibrar o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental e social. A cooperação internacional é necessária para superar os obstáculos e alcançar o progresso desejado. O futuro depende das decisões tomadas hoje em relação ao planejamento e à implementação de políticas públicas eficazes. A inovação e a tecnologia podem ser ferramentas valiosas para superar as limitações atuais. A transparência e a accountability são fundamentais para ganhar a confiança da população e dos investidores. O diálogo entre todos os setores da sociedade é essencial para encontrar soluções viáveis e duráveis. A resiliência é necessária para lidar com os impactos das mudanças climáticas e da globalização. A inclusão social é um objetivo fundamental para garantir que todos tenham acesso às oportunidades e aos benefícios do desenvolvimento. A paz e a estabilidade são condições necessárias para qualquer progresso significativo. A justiça social e o respeito aos direitos humanos são valores que devem guiar todas as ações governamentais e privadas. A cultura e a identidade local são fontes de orgulho e devem ser preservadas e valorizadas. A diversidade é uma vantagem que pode ser aproveitada para promover a inovação e a competitividade. A sustentabilidade não é apenas um conceito ambiental, mas também social e econômico. O bem-estar das futuras gerações depende das escolhas que fazemos hoje. A responsabilidade é compartilhada e todos têm um papel a desempenhar. O futuro é incerto, mas com planejamento e ação coletiva, podemos construir um futuro melhor e mais próspero para todos.



INSTITUTIONS DE LA VILLE DE PARIS

A Paris le 15 Mars 1900

Monsieur le Ministre de l'Instruction Publique

Paris, le 15 Mars 1900

AHIS

15 Mars 1900



TRABALHADORES DE CABO VERDE

A hora é de unidade e acção.

Unamo-mos em torno do nosso grande
Partido, o **P.A.I.G.C..!**

Desmascaremos os inimigos do nosso povo!

Uma só solução: INDEPENDÊNCIA TOTAL E IMEDIATA

VIVA O P. A. I. G. C.